

A NOÇÃO DE LIBERDADE NO PENSAMENTO DE JOHN DEWEY

Rodrigo Augusto de Souza

UFPR

rodrigoaugustobr@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho procura apresentar aspectos da noção de liberdade no pensamento de John Dewey (1859-1952). O filósofo norte-americano ofereceu importantes contribuições para a compreensão da liberdade. Nesse estudo, vamos ressaltar a noção de liberdade articulada com os elementos da pedagogia, da moral e da política no pensamento de Dewey. A questão da liberdade integra com ênfase o projeto intelectual deweyano presente em suas ideias filosóficas, educativas e políticas. Analisaremos algumas de suas obras que tratam deste assunto, a fim de identificar o tratamento oferecido por Dewey a esse tema tão caro ao pensamento moderno.

Palavras-chave: Liberdade. Filosofia. Pragmatismo. John Dewey.

THE NOTION OF FREEDOM IN THE THOUGHT OF JOHN DEWEY

Abstract: *This paper attempts to present aspects of the notion of freedom in John Dewey's thoughts (1859-1952). The American philosopher offered important contributions to the understanding of freedom. In this study, we emphasize the notion of freedom combined with elements of education, morality and politics in Dewey's thoughts. The question of freedom includes an emphasis on the Deweyan intellectual project present in his philosophical ideas, education and politics. We will analyze some of his works dealing with this issue in order to identify the treatment offered by Dewey to this theme which is important to modern thought.*

Keywords: *Freedom. Philosophy. Pragmatism. John Dewey.*

* * *

Introdução

O tema *liberdade* tem grande abrangência entre os pensadores modernos. Foram muitos os filósofos, escritores, políticos e intelectuais que trataram do assunto. Desse modo, o assunto pode ser examinado sob muitos enfoques. Em nosso estudo, vamos analisar o tratamento oferecido por John Dewey (1859-1952) à questão da liberdade. A nossa intenção é investigar como a noção da liberdade se articula com a totalidade do pensamento deweyano. Uma investigação sobre o tema proposto poderia ser realizada na perspectiva da história da filosofia ou na perspectiva da história das ideias. Nesse sentido, Lovejoy (2005) teria muito a nos oferecer com seus estudos sobre as ideias filosóficas em perspectiva histórica. No entanto, preferimos nos concentrar no pensamento deweyano para estudar como a noção de liberdade é apresentada pelo filósofo.

No contexto da filosofia moderna e contemporânea o tema *liberdade* se tornou caro ao existencialismo de Sartre, por exemplo. Foi o existencialismo que levou a liberdade humana até as últimas consequências na filosofia. No âmbito da política, o liberalismo foi enfático ao defender a ideia de liberdade do homem. T tamanha foi a sua preocupação que muitos pensadores liberais buscaram mostrar o Estado e o Direito como asseguradores das liberdades individuais. A liberdade foi uma das bandeiras da Revolução Francesa. Assim, na visão de um marxista, a liberdade seria um valor “burguês”. Essa é uma acusação que pesa também sobre

o existencialismo, considerado uma “filosofia burguesa”, por insistir no tema da liberdade do homem. Mesmo sob o aspecto religioso ou teológico, a liberdade tem o seu respaldo, haja vista o problema do “livre-arbítrio” no pensamento de Agostinho de Hipona. A noção de liberdade tem muitas nuances e pode ser entendida sob várias perspectivas.

No caso de John Dewey, temos o seu vínculo ideológico com o pragmatismo e a marca da cultura norte-americana sobre o seu pensamento. Nesse sentido, caberia indagar se a liberdade não seria um valor da filosofia norte-americana. No projeto intelectual deweyano, a liberdade ocupa um lugar central. É preciso liberdade para aprender. Desse modo, ela tem um valor pedagógico. Para a moral, a liberdade deve salvaguardar aos indivíduos o direito de seguir a própria consciência e formar seus valores morais com total autonomia. Na política, a liberdade aparece como um valor do liberalismo. No entanto, Dewey critica o liberalismo por não proporcionar plenamente a liberdade e a democracia para todos os indivíduos. Esses assuntos se aproximam e se relacionam na complexidade do pensamento deweyano.

Liberdade e Educação

O tema *liberdade* articulado com a educação apareceu em um dos primeiros trabalhos de Dewey, intitulado *A Criança e o Programa Escolar*, publicado no ano de 1902. As reflexões foram consideradas avançadas para a época, pois o filósofo norte-americano defendia a subordinação do currículo escolar ao desenvolvimento psicológico da criança. Sua preocupação era que a psicologia operasse uma significativa mudança na pedagogia da escola. Assim, a criança deveria aprender em um ambiente de liberdade e autonomia, deixando de lado a pedagogia autoritária e disciplinadora da chamada escola tradicional. A noção de liberdade aparece, portanto, nas publicações mais antigas de Dewey, especialmente ligada à educação.

Essa oposição fundamental entre a criança e o programa pode também ser expressa por esses termos: “disciplina” contra “interêsse”, “direção e controle” contra “liberdade e iniciativa”. “Disciplina” é a divisa dos que engrandecem o curso de estudo; “interêsse”, a daqueles que têm por bandeira “a criança”. O ponto de vista dos primeiros é o ponto de vista lógico; dos segundos, o psicológico. [...] “Direção e controle” são palavras mágicas de uma escola; “liberdade e iniciativa”, as de outra (DEWEY, 1967, p. 47).

A noção de liberdade aqui está relacionada com a crítica de Dewey ao tradicionalismo pedagógico presente na escola. A liberdade seria uma característica daquilo que ele chama de *escola progressiva*. Outras designações são utilizadas, tais como: “velha e nova escola”. Dewey gosta de pensar por antagonismos e relações. Procura traçar um paralelo entre questões opostas ou antagônicas na intenção de recuperar a unidade do conhecimento, historicamente marcado pelos dualismos.

No livro de Dewey, *Experiência e Educação*, lançado no ano 1936, temos um estudo mais maduro e apurado do filósofo sobre a noção da liberdade. Novamente o assunto aparece articulado com a educação. Nessa obra, Dewey novamente atacou a escola tradicional. Para o filósofo, a liberdade é o outro lado do problema da autoridade e do controle social.

A única liberdade de importância duradoura é a liberdade de inteligência, isto é, liberdade de observação e de julgamento com respeito a propósitos intrinsecamente válidos e significativos. O erro mais comum que se faz em relação à liberdade é o de identificá-la com liberdade de movimento, ou com o lado físico e exterior da atividade. Este lado exterior e físico da atividade não pode ser separado do seu lado interno, a liberdade de pensar, desejar e decidir (DEWEY, 1971, p. 59).

Outros problemas foram apresentados por Dewey nessa reflexão: liberdade exterior ou física e liberdade interior (espiritual ou intelectual). Dewey foi incisivo ao afirmar que a forma de liberdade mais importante é a liberdade interior, que pode ser entendida como forma de inteligência e de pensamento. Temos outras características da liberdade segundo o pensamento deweyano, ou seja, ela consiste em *liberdade de pensar, desejar e decidir*. Isso denota uma ênfase no aspecto psicológico da liberdade, aliado à formação da moralidade.

Na obra *Experiência e Educação*, que já citamos, Dewey reserva um capítulo para tratar da “*Natureza da Liberdade*”. O filósofo aplica a noção de liberdade na pedagogia da escola progressiva. Para Dewey, a escola deve proporcionar “oportunidades de crescimento das individualidades dentro do clima de liberdade, sem o qual não há possibilidade de crescimento, normal, genuíno e continuado”. Assim a liberdade se tornaria um *meio* de favorecer a educação. A liberdade não consiste apenas no seu aspecto físico ou exterior, contudo, sem essa liberdade é “impossível o professor conhecer as pessoas com que terá de tratar”. Ao passo que “silêncio, imobilidade e obediência forçadas impedem o aluno de revelar sua real natureza. Criam automaticamente uma uniformidade artificial. *Parecer* se antepõe a *ser*”. A liberdade aparece aliada à crítica deweyana do autoritarismo e da uniformidade artificial da escola tradicional (DEWEY, 1971).

Ao apontar as vantagens da liberdade exterior na educação, Dewey (1971, p. 62) vê outra vantagem em sua aplicação pedagógica. Além de a liberdade proporcionar maior conhecimento do aluno por parte do professor, ela “favorece as condições do verdadeiro processo de aprendizagem”. Os métodos pedagógicos tradicionais premiavam “a passividade e o espírito de pura aquiescência”. Havia uma ênfase no “ficar quieto”. Para a escola tradicional, “estandardizada”, “a única saída é a atividade irregular e, muitas vezes, desobediente”. Dewey continua ao sustentar que “a liberdade de movimento é também importante como meio de manter a saúde física e mental”. Os gregos são apresentados como modelo a ser seguido: “temos que aprender com os gregos, que tão bem viveram as relações entre corpo sã e mente sã”. Nesse ponto, Dewey parece deixar de lado as suas críticas ao pensamento grego e apontar algumas de suas vantagens. Temos a liberdade de *ação* e a liberdade de *juízo*. Segundo Dewey, “a liberdade de ação é sempre, contudo, um meio para a liberdade de juízo”. Em sua exposição sobre o tema, há ainda a distinção sobre a “quantidade e qualidade” e também sobre seus aspectos “positivos e negativos”. Dewey não chegou a desenvolver detalhadamente esses conceitos, porém, se serve deles para tratar do tema da liberdade na educação.

Para Dewey, a liberdade deve proporcionar a formação da moralidade dos indivíduos. “O fim ideal da educação é a formação da capacidade de domínio de si mesmo”. A noção de liberdade está associada à ideia de “domínio de si mesmo” ou “autodomínio”. A pessoa, afirma Dewey, “cujo comportamento está desgovernado, tem quando muito a ilusão de liberdade” (DEWEY, 1971, p. 64).

Liberdade e Vida Moral

A respeito da questão da moral no pensamento de Dewey, encontramos alguns estudos do filósofo nas seguintes obras: *Teoria da Vida Moral, Natureza Humana e Conduta e A Filosofia em Reconstrução*. Em outros textos, Dewey também tratou da Moral. Esse tema, contudo, nunca foi uma preocupação central dos seus escritos e do seu pensamento.

Ao que consta, *Teoria da Vida Moral*, publicado em 1908, foi o único livro destinado a estudar especificamente a Moral. Em *A Filosofia em Reconstrução*, de 1920, Dewey dedicou o penúltimo capítulo para tratar da “reconstrução nas concepções morais”. Nesse

sentido, o pensamento deweyano tentou responder à crise ética e moral do seu tempo, que assistiu a guerras e a inúmeros conflitos civis e sociais. Um problema seria investigar se Dewey tentou por meio de sua filosofia uma “reforma” da moral. De pronto poderíamos responder que sim. Essa mudança no comportamento dos indivíduos e da comunidade humana, contudo, não seria proporcionada por uma “nova teoria” moral, mas pelo desenvolvimento da moralidade intrínseca ao próprio homem. Para Dewey, “desde que seja educativa, toda vida é moral”.

Na obra *Natureza Humana e Conduta*, de 1922, Dewey intitulou um capítulo de *O Que é Liberdade?* Essa obra também é importante para o entendimento da moral, segundo as perspectivas do pensamento deweyano. Mais adiante vamos desenvolver algumas ideias fundamentadas nessas reflexões. Há ainda um estudo chamado *Condições Lógicas de um Tratamento Científico da Moralidade*, publicado em 1903 pela Universidade de Chicago. Nessa investigação, Dewey procurou vincular a moral a um estatuto científico. Por isso, partiu de uma definição do termo “científico” aplicado à moral. Dewey não incorreu no erro de associar a moral somente ao aspecto religioso, como é comum. Para o filósofo, a moral é inerente à vida humana, social e cultural. Nessa mesma linha, segue o filósofo mexicano Adolfo Sánchez Vásquez, com seu reconhecido estudo sobre a ética:

A moral só pode surgir – e efetivamente surge – quando o homem supera a sua natureza puramente natural, instintiva, e possui já uma natureza social: isto é, quando já é membro de uma coletividade (*gens*, várias famílias aparentadas entre si, ou *tribo*, constituída por vários *gens*). Como regulamentação do comportamento dos indivíduos entre si e destes com a comunidade, a moral exige necessariamente não só que o homem esteja em relação com os demais, mas também certa consciência – por limitada e imprecisa que seja – desta relação para que se possa comportar de acordo com as normas ou prescrições que o governam (VÁSQUEZ, 1989, p. 27).

Como o foco do nosso estudo é a liberdade aliada ao conceito de moral em Dewey, vamos nos concentrar no capítulo já citado de *Natureza Humana e Conduta*. No livro *Teoria da Vida Moral*, interessa-nos o capítulo intitulado “O “Eu” moral”, no qual Dewey investiga a questão da liberdade e da responsabilidade. Como fica evidente, a pesquisa sobre a moral no pensamento deweyano oferece amplas possibilidades. Esse é um aspecto pouco explorado pelos estudiosos de Dewey no Brasil. Segundo as ideias deweyanas, a liberdade tem um sentido prático, por isso moral (DEWEY, 1980).

No livro *Teoria da Vida Moral*, Dewey estabeleceu um profundo diálogo com importantes filósofos, de diferentes épocas, que trataram da questão da ética e da moralidade. Seu ponto de partida é Kant, mas também são citados Aristóteles, Epicuro e Spinoza. Sabemos que Dewey foi especialista na obra de Kant (CUNHA, 1998). Esses filósofos são referências obrigatórias para qualquer estudo aprofundado da noção de moral e de ética. Além disso, Dewey critica aquilo que chamou de “psicologia hedonista”. Por insistir na ideia de interesse e de escolha, o filósofo procurou deixar claro que seu pensamento não é um “hedonismo”, pois criticou o “egoísmo”, chamou a atenção para o interesse “social” das ações e também para a responsabilidade dos indivíduos.

A idéia de liberdade tem sido seriamente afetada nos debates teóricos, pela falsa interpretação dada à natureza da responsabilidade. Aqueles que, para ela, têm procurado uma base e uma garantia, geralmente a têm localizado na ‘liberdade da vontade’ e têm interpretado essa liberdade como poder de escolha não motivada, isto é, poder arbitrário para escolher qualquer outra razão a não ser a de que a vontade escolhe realmente dessa maneira [...] Em outras palavras: a liberdade, em sentido prático e moral (o que quer que se

diga sobre ela em algum sentido metafísico), está ligada à possibilidade de desenvolvimento, aprendizagem e modificação de caráter, do mesmo modo que a responsabilidade (DEWEY, 1980, p. 314).

No livro *Natureza Humana e Conduta*, ao tratar da conceituação da liberdade, Dewey faz uma crítica da ideia da natureza. Até mesmo o filósofo, leitor de Darwin e herdeiro da tradição empírica norte-americana, não ficou preso ao reino dos fatos naturais ou positivos. Dewey acenou para o *problema da liberdade*. Ele assim se pronunciou: “O lugar do fato natural e da lei sujeitando a moral nos leva ao problema da liberdade. Nós dizemos, a sério, que importar fatos empíricos para a moral é equivalente a uma revogação da liberdade. Fatos e leis se referem a necessidades nós dizemos” (DEWEY, 1999, p. 81).

Dewey se mostrou contrário à ideia de uma moral natural, como se a natureza tivesse leis e fatos independentes da interpretação humana. Nesse sentido, Dewey não defende a “lei natural” por si mesma. Sabemos que o tomismo teve grande responsabilidade na difusão da chamada “moral natural”. Foi Tomás de Aquino quem ofereceu grande ênfase na “lei natural”. Encontramos em Dewey (1959) grande crítica ao pensamento tomista e, principalmente, à escolástica. Por outro lado, o filósofo norte-americano também rejeita a possibilidade de uma “moral positivista”. Essa ênfase demasiada nos fatos naturais determinando a moral, forma aquilo que Dewey chamou de problema da liberdade. Aqui reside a crítica de Dewey à moral “natural”. Mesmo Dewey, estudioso da biologia e da psicologia, dirigiu suas críticas ao próprio naturalismo. Defendeu uma moral pragmática, aliada aos interesses individuais e coletivos.

Pelo o quê lutaram os estimados homens em nome da liberdade é algo variado e complexo – mas certamente nunca foi por uma liberdade metafísica da vontade. Parece conter três elementos de importância, porém, nem todos são compatíveis um com o outro. 1) Inclui a eficiência na ação, a capacidade de realizar planos, a ausência de dores e a superação dos obstáculos. 2) Também inclui a capacidade de variar os planos, mudar o curso da ação para experimentar novidades. E ainda, 3) Isso significa o poder do desejo e da escolha como agentes nos eventos (DEWEY, 1999, p.82).

Alguns elementos merecem ser destacados da afirmação de Dewey. Fica evidente a sua crítica à metafísica e à filosofia da subjetividade. Por outras palavras, a liberdade não significa apenas um subjetivismo ou alguma forma de psicologismo voluntarista. A liberdade tem um sentido prático e moral; do contrário, ela seria compreendida como uma “liberdade metafísica da vontade”, à moda de uma razão transcendental kantiana ou mesmo de um “*cogito*” cartesiano. Desse modo, a liberdade é uma experiência de vida inerente a todos os indivíduos.

Para Dewey, a liberdade está relacionada à *eficiência* e à *ação*. Ela também demanda a capacidade de realizar planos, suportar as dores físicas e superar os obstáculos. Chama a atenção o fato de Dewey comparar a liberdade a uma espécie de resistência física para enfrentar lesões. Já mencionamos que o filósofo concebe a liberdade como algo físico e exterior por um lado, mas como algo interior, espiritual, subjetivo e intelectual por outro.

A experiência, segundo as ideias deweyanas, é suficiente para desenvolver as próprias concepções morais de que o indivíduo necessita. Segundo Dewey, a vida é educativa e forma a moralidade das pessoas. Nisso consiste uma moral pragmática: em formar a moralidade com base na experiência de vida e não nos grandes sistemas e doutrinas legitimados historicamente. No entanto, para o adequado uso da liberdade, o homem precisa mudar seus planos, variar o curso da ação e experimentar as novidades. A liberdade supõe movimento e

abertura de espírito para aquilo que é novo. Trata-se de uma capacidade de adaptação para mudanças que são inerentes ao próprio curso da vida.

Segundo Dewey, a liberdade é uma forma de *poder* que consiste em *desejar* e em *decidir*. Além disso, significa colocar o próprio desejar e o decidir como fatores determinantes na ação. Isso é liberdade para Dewey: tornar realidade o seu desejo e a sua decisão. Tornar possível e fazer valer no curso da ação a própria vontade.

À medida que uma pessoa se torna diferente, o “eu” ou caráter vai formando desejos e escolhas diferentes. A liberdade, no sentido prático, desenvolve-se quando o indivíduo percebe essa possibilidade e se interessa em convertê-la em realidade. Potencialidade de liberdade é dom natural ou parte de nossa constituição [...]. A liberdade real ou positiva não é dom natural, é dom adquirido. No grau que passamos a perceber possibilidade de desenvolvimento e ficamos ativamente interessados em manter abertas as vias de desenvolvimento, no grau em que combatemos a estagnação e a fixidez, e, com isso, percebemos possibilidades de recriação do nosso “eu”, somos verdadeiramente livres (DEWEY, 1980, p. 315).

Em sua conceituação sobre a moral, Dewey apresentou um entendimento original sobre a felicidade. Segundo seu pensamento, a felicidade está mais presente na formação do caráter, na busca dos interesses, do que nas circunstâncias de sua realização. “A felicidade final de um indivíduo reside na supremacia de certos interesses na formação do caráter”. Ligada intrinsecamente com a liberdade, ela busca os valores sinceros e duradouros no indivíduo. “Nenhuma quantidade de obstáculos externos pode destruir a felicidade que advém de um vivo e sempre renovado interesse pelos outros e pelos objetos que promovem o seu desenvolvimento”. Não se deve buscar a felicidade fora do indivíduo porque ela está arraigada no caráter. “Por expressar a qualidade de pessoa que o indivíduo deseja, fundamentalmente, ser; constitui felicidade única na espécie”. Ao concluir suas reflexões sobre a felicidade Dewey citou o filósofo Spinoza. “A felicidade não é a recompensa da virtude e sim a própria virtude” (DEWEY, 1980, p.313). A questão da moral e da liberdade em Dewey exige um estudo mais aprofundado. Não foi nosso objetivo uma abordagem mais detalhada do tema.

Liberdade, Sociedade e Política

No pensamento de Dewey, o tema *liberdade* encontrou também abrangência social e política. O tema *liberdade* é caro ao liberalismo político. Apesar disso, Dewey não deixa de oferecer suas críticas ao liberalismo, ao afirmar que ele defende apenas uma liberdade “geral”, distante da vida prática das pessoas. “A glorificação da liberdade em geral em detrimento das habilidades positivas, em particular, muitas vezes tem caracterizado o credo oficial do liberalismo histórico” (DEWEY, 1999, p.82). Nas ideias deweyanas, encontramos a intenção de uma reforma moral dos indivíduos e das instituições. Essa reforma abrangeria também todas as esferas da vida social. Temos uma pretensão de reforma social pela via da moralidade.

Quando tratou da “reconstrução das concepções morais”, na obra *A Filosofia em Reconstrução*, Dewey apontou para o desprezo por parte dos moralistas da ideia de felicidade. Disso resultou a necessidade de reforma da moral, mas sem ser pela via de defesa de uma nova doutrina e sim por meio da afirmação da vida como experiência de formação da moralidade.

A idéia contida no termo felicidade tem-se tornado objeto de menosprezo por parte dos moralistas. Contudo, os moralistas mais ascéticos têm

freqüentemente revigorado a idéia de felicidade rerepresentando-a com outro termo, com o de bem-aventurança sem felicidade, valor e virtude sem satisfação, fins sem prazer consciente – essas coisas são tão intoleráveis praticamente como autocontraditórias na concepção (DEWEY, 1958, p. 178).

De acordo com Dewey, o pensamento ocidental foi historicamente marcado por muitos antagonismos, entre eles: indivíduo *versus* sociedade. Sua intenção foi recuperar a unidade da experiência e do conhecimento e não mais pensar por dualismos ou antagonismos. Nesse sentido, caberia entender a compreensão da relação entre o indivíduo e a sociedade, não mais como obstáculos ou contraposições, mas sim como forma de reciprocidade e complementação. “A sociedade abriga em si todos os modos pelos quais os homens, associando-se uns aos outros, compartilham reciprocamente suas experiências e criam interesses comuns e aspirações; grupos de rua, escolas de arrombamentos noturnos, clãs, classes sociais, sindicatos, sociedades anônimas, cidades e alianças internacionais” (DEWEY, 1958, p. 195).

O problema da relação do indivíduo com a sociedade se equaciona, segundo Dewey, quando os indivíduos concebem a vida social como *associação*. A sociedade não é uma entidade abstrata alheia que paira sobre os homens; ao contrário, os homens a integram e tomam parte ativa nela.

Sociedade é o *processo* de estabelecer associações de modo que as experiências, emoções, idéias e valores sejam transmitidos e se tornem comuns. E, a este processo ativo, ambos, o indivíduo e a instituição se subordinam. A antiga controvérsia entre direitos e deveres, lei e liberdade, é outro lado da discórdia entre Indivíduo e Sociedade como conceitos fixos. Liberdade para um indivíduo significa crescimento, capacidade de estabelecer modificações quando estas se tornam necessárias. [...] É um absurdo supor-se que liberdade signifique algo positivo com relação ao indivíduo, ao mesmo tempo em que alguma coisa negativa aos interesses sociais (DEWEY, 1958, p. 201).

Na coletânea de textos, publicados sob o título de *O Homem e Seus Problemas*, escritos tardios de Dewey de 1940, o filósofo mostrou a sua maturidade intelectual. Dewey fez uma revisão do seu pensamento à luz dos acontecimentos históricos marcantes da época, o colapso da bolsa de Nova Iorque e a tragédia das duas grandes guerras mundiais. A ascensão ao poder de ideologias totalitárias na política. No capítulo nono, chamado de *Liberdade e Controle Social*, Dewey fez um exame dos diferentes usos da palavra liberdade no contexto político daquele período. Ele chegou ao entendimento de que: “Não há na atualidade palavra da qual se tenha abusado mais do que da *liberdade*. Toda tentativa de controle planejado das forças econômicas é contrariada e atacada, por certo grupo, em nome da liberdade”. Temos aqui a percepção do filósofo sobre a formação de dois grupos econômicos: capitalismo e comunismo. Por outras palavras, Dewey criticou o capitalismo que, em nome da liberdade, resistiu àquilo que ele chamou de “controle planejado das forças econômicas”. Insiste o filósofo que “uma observação mais superficial mostra que este grupo está constituído por aqueles que, por motivos evidentes, se encontram interessados na conservação do *status quo* econômico, quer dizer, na conservação dos privilégios tradicionais e dos direitos legais que já possuem” (DEWEY, 1952).

Para Dewey, na investigação que realizamos sobre a noção de liberdade, devemos responder a alguns problemas importantes, como as lutas em favor da liberdade, pois “se dermos uma olhada na história, percebemos que a exigência da liberdade e os esforços

realizados para obtê-la têm partido de pessoas que tem a necessidade de mudar a estrutura institucional”. Na visão de Dewey, essas são as principais questões que envolvem a liberdade:

O que significa, de todos os modos, *liberdade*? Por que a causa da liberdade deve identificar-se no passado com a ação dirigida para mudar as leis e as instituições, enquanto que na atualidade certo grupo utiliza seus grandes recursos para convencer o público de que a mudança das instituições econômicas constitui um ataque contra a liberdade? (DEWEY, 1952, p.101).

Em sua análise da noção de liberdade, Dewey também tratou de sua relação com a política, especialmente no liberalismo e na democracia. “Na atual estrutura social, as possibilidades dos indivíduos se encontram determinadas por sua situação familiar e social; a estrutura institucional das relações humanas abre caminho para os membros de certas classes em detrimento de outras”. Assim, o pensador norte-americano deixou suas recomendações para uma nova possibilidade política. “A exigência da democracia liberal e progressista pode formular-se no familiar grito de guerra: as *instituições* e as *leis* deveriam ser tais que assegurassem e estabelecessem a igualdade para todos”. Dewey identificou a necessidade de uma mudança nas instituições e nas leis (Direito). A moderna democracia liberal não poderia se furtar à sua característica *progressista*, isto é, comprometida com as mudanças e os avanços sociais e políticos. Nessa proximidade da liberdade com a igualdade, entendemos que “o trágico colapso da democracia deve-se ao fato de que a identificação da liberdade com o máximo de ação individual, não contida por freios, na esfera econômica, debaixo das instituições do capitalismo financeiro, resulta tão fatal para a realização da liberdade de todos como o é para a realização da igualdade” (DEWEY, 1952, p.104).

A concepção de Estado moderno deve considerar o pluralismo social como um valor, na perspectiva deweyana. “O pluralismo acha-se bem ordenado na atual prática política e reclama uma modificação da teoria monista e hierárquica. Toda combinação de forças humanas que acrescenta sua própria contribuição de valor à vida, tem por essa razão seu próprio e único merecimento, não pode ser rebaixada à condição de meio de glorificação do Estado”. Dewey aproveitou a oportunidade para mostrar a guerra como algo imoral que reforça o caráter autoritário do Estado. “Uma das razões da crescente desmoralização da guerra, reside no fato de ela forçar o Estado a uma posição suprema anormal” (DEWEY, 1958, p.199).

Desse modo, ficou muito evidente como a noção de liberdade no pensamento de Dewey tem uma forte articulação política e social. A liberdade alcança um sentido prático, moral e social. Dewey também mostrou a necessidade de uma urgente reforma política, econômica e moral no início do século XX. Muitas de suas premissas, afirmadas em contexto e época diferente da atual, continuam pertinentes e úteis em nosso tempo.

Considerações Finais

Muitos filósofos e pensadores se ocuparam ao longo da história da noção de liberdade. Como o próprio Dewey nos lembrou, “não há palavra na atualidade da qual se tenha abusado mais do que a *liberdade*”. No cenário da filosofia moderna e contemporânea, alguns intelectuais, como Sartre, por exemplo, trataram do tema *liberdade*. Essa foi uma questão cara ao existencialismo, em particular. Na filosofia de língua inglesa a noção de liberdade recebeu um tratamento especial, principalmente por meio do liberalismo histórico. Dewey reconheceu que esse é um tema recorrente e fortemente vinculado ao liberalismo político. A liberdade, tal como foi apresentada nos ideais da Revolução Francesa, ocasionou o surgimento da chamada moderna democracia. Ela é também um dos postulados do moderno republicanismo. Os Estados Unidos tentaram aplicar a si o título de “uma democracia moderna” que servisse de

“modelo” para outros países do mundo. Em sua análise da noção da liberdade, Dewey enfrentou o problema da relação entre igualdade e liberdade. Identificou as causas econômicas, políticas, sociais e morais que impedem a realização da liberdade no início do século XX. Disso resultou a proposta deweyana de reforma (ou reconstrução) das instituições, da sociedade e da moral.

A noção de liberdade no pensamento deweyano tem muitas nuances. A nossa opção neste estudo foi tomá-la por três perspectivas: a *pedagógica*, a *moral* e a *sociopolítica*. Essas são as características, a nosso ver, que mais representam a abordagem que Dewey fez do tema *liberdade*. Segundo as ideias deweyanas, é preciso liberdade para aprender e experimentar a utilidade dos conhecimentos adquiridos na escola. Sem liberdade, a educação não acontece.

Sob o ponto de vista da moral, Dewey sustentou que a noção de liberdade tem um sentido prático na vida dos indivíduos e das sociedades. Caracterizou a liberdade como exterior e física, por implicar o seu sentido real e o pragmático na vida das pessoas, e distinguiu-a também como liberdade interior e intelectual, na esfera das ideias e subjetividade. Dewey propôs uma “reforma” da moral, não por meio da substituição de uma doutrina moral antiga por uma nova, mas sim através da tentativa de valorização da experiência de vida dos indivíduos e das sociedades como critério de formação da moralidade. Para Dewey só a liberdade de vontade e de decisão poderia permitir aos homens o exercício da liberdade e a obtenção do fim último da moralidade que é a felicidade.

Referências bibliográficas

CUNHA, Marcus Vinícius da. *John Dewey: A Utopia Democrática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

_____. *John Dewey: Uma Filosofia para Educadores em Sala de Aula*. Petrópolis: Vozes, 1998.

DEWEY, John. *A Filosofia em Reconstrução*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958.

_____. *Democracia e Educação*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

_____. *El Hombre y Sus Problemas*. Buenos Aires: Paidós, 1952.

_____. *Experiência e Educação*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.

_____. *John Dewey on Education: Selected Writings*. Chicago: The University of Chicago Press, 1999.

_____. *Libertad y Control Social*. In: *El Hombre y Sus Problemas*. Buenos Aires: Paidós, 1952.

_____. *Scientific Treatment of Morality*. In: *John Dewey on Education: Selected Writings*. Chicago: The University of Chicago Press, 1999

_____. *Teoria da Vida Moral*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

_____. *Vida e Educação*. São Paulo: Melhoramentos, 1967.

_____. *What is Freedom*. In: *John Dewey on Education: Selected Writings*. Chicago: The University of Chicago Press, 1999.

LOVEJOY, Arthur. *A Grande Cadeia do Ser: Um Estudo da História de uma Ideia*. São Paulo: Palíndromo, 2005.

VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. *Ética*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1989.